

Handroanthus chrysotrichus (Mart. ex DC.) Mattos

(caraíba, ipê amarelo, ipê amarelo anão, ipê amarelo cascudo)

Família: Bignoniaceae

Sinônimos: *Tabebuia chrysotricha*, *Gelseminum chysotrichum*, *Tecoma chrysotricha*

Endêmica: não³

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica³

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O ipê-amarelo-cascudo é normalmente de pequeno porte, com altura de 4 a 10 metros, tronco tortuoso, casca externa acinzentada e finamente fissurada. Esta árvore perde suas folhas de cor ferrugem no inverno, quando suas flores amarelo-ouro se destacam pela exuberância. Por suas características ornamentais é uma espécie presente na arborização de ruas estreitas e pequenos espaços. É encontrada em vários tipos de ambiente, preferencialmente em solos úmidos e profundos.

Etnobotânica e Histórico

Sua madeira é dura, flexível e resistente. Na região de Nazaré Paulista a madeira era utilizada para construção civil.

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, dormentes, mourões, poste, construção civil, esquadrias, forro e teto, obras hidráulicas, rodapés, tabuados, tacos, vigas, carvão, carpintaria e marcenaria, móveis), produtos não madeireiros (apícola, medicinal, ornamental, corantes)^{5,1}

Características gerais

Porte: altura 4.0-35.0m DAP 30-130cm^{1,5}

Cor da floração: amarela^{1,4,2}

Amarelo, amarelo ouro.

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Rápida^{5,1}

O crescimento é lento (CARVALHO, 2006). O desenvolvimento das mudas é rápido, podendo ser plantadas em 5 meses (LORENZI, 2002).

Persistência foliar: Decídua^{1,5,2}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa²

Diâmetro da copa: 3m²

Alinhamento do tronco: Tortuoso¹

Superfície do tronco: Fissurada¹

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)¹

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim¹

Pragas e doenças: Insetos pertencentes às ordens Hymenoptera, Hemiptera, Diptera e Coleoptera foram encontrados associados às folhas deformadas. A espécie *Trioza tabebuiae* (Hemiptera: Psylloidea) foi constatada como responsável pelo enrolamento do lombo foliar do ipê (SANTANA et al., 2005). Também foram observadas em mudas e árvores de rua na cidade de Curitiba a doença crosta marrom, causada por *Apiospharia guaranitica*, o oídio e a fumagina (WIELEWSKI et al., 2002).^{7,8}

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas¹⁶

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia^{12,14,11}

Polinizadores: Abelhas. A abelha *Trigona spinipes* mostrou-se como provável polinizador efetivo (KAGEYAMA et al., 1992).^{1,9,10}

Período de floração: agosto a setembro¹

Tipo de dispersão: Anemocórica^{11,1,10,12}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: setembro a outubro⁵

Associação simbiótica com raízes: sim¹⁵

Suas raízes apresentaram média colonização de micorrizas arbusculares (MA) no campo e resposta muito alta à inoculação de MA.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{5,1}

A colheita dos frutos deve ser feita quando iniciarem a abertura espontânea. Depois, devem ser expostos ao sol, para completarem a abertura e a liberação das sementes.

Tipo de semente: Ortodoxa¹³

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento¹

Produção de mudas: Canteiros^{5,1}

A repicagem para sacos de polietileno ou tubetes de polipropileno, de tamanho grande, deve ser feita de 25 a 30 dias após a germinação, quando as plântulas atingirem 5 a 8 cm de altura (CARVALHO, 2006).

Tempo de germinação: 8 a 15 dias^{1,5}

Taxa de germinação: 59 a 74%^{1,6}

Número de sementes por peso: 86000/kg⁵

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{5,1}

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. v. 2, 627 p.

² SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Manual técnico de arborização urbana. São Paulo, 2005. 48 p.

³ LOHMANN, L. G. Bignoniaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2013.

⁴ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

⁵ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁶ FONSECA, F. L.; MENEGARIO C.; MORI, E. S.; KAKAGAWA, J. Maturidade fisiológica das sementes do ipê amarelo, *Tabebuia chrysotricha* (Mart. Ex DC.) Standl. Scientia Forestalis, Piracicaba, n. 69, p. 136-141, dez. 2005.

⁷ SANTANA, D. L. de Q.; AUER, C. G.; ROCHA, A. L. J. L.; MARQUES, E. Insetos associados ao enrolamento foliar de *Tabebuia* spp. em viveiros e na arborização urbana de Curitiba. Boletim de Pesquisa Florestal, Colombo, n. 50, p. 117-126, jan./jun. 2005.

⁸ WIELEWSKI, P.; AUER, C. G.; GRIGOLETTI JUNIOR, A. Levantamento de doenças em ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*) em Curitiba, PR. Floresta, Curitiba, v. 32, n. 2, p. 277-281, 2002.

⁹ KAGEYAMA et al. Recomposição da vegetação com espécies arbóreas nativas em reservatórios de usinas hidrelétricas de CESP. IPEF Série Técnica, Piracicaba, v. 8, n. 25, p. 1-43, set. 1992. Disponível em: . Acesso em: 11 set. 2013.

- ¹⁰ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.
- ¹¹ AQUINO, C.; BARBOSA, L. M. Classes sucessionais e síndromes de dispersão de espécies arbóreas e arbustivas existentes em vegetação ciliar remanescente (Conchal, SP), como subsídio para avaliar o potencial do fragmento como fonte de propágulos para enriquecimento de áreas revegetadas no Rio Mogi-Guaçu, SP. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 33, n. 2, p. 349-358, mar./abr. 2009.
- ¹² CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.
- ¹³ MEDEIROS, A. C. S.; EIRA, M. T. S. Comportamento fisiológico, secagem e armazenamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 13 p. (Circular Técnica, 127).
- ¹⁴ HIGUCHI, P.; REIS, M. G. F.; REIS, G. G.; PINHEIRO, A. L.; SILVA, C.T.; OLIVEIRA, C. H. R. Composição florística da regeneração natural de espécies arbóreas ao longo de oito anos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, em Viçosa, MG. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 893-904, 2006.
- ¹⁵ ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. *Cerne*, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.
- ¹⁶ MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.